

Blog do
ÊNIO PADILHA
www.eniopadilha.com.br



POR QUE ODIAMOS TANTO O CREA?

(Esta série de 4 artigos foi publicada ao longo de três anos - entre 2002 e 2004)



POR QUE ODIAMOS TANTO O CREA (1)

Meu grande amigo Francisco Maia Neto, de Belo Horizonte, faz uma observação interessante: (antes da observação, porém, uma breve apresentação: Maia Neto é escritor, palestrante, consultor, engenheiro e advogado (e exerce, com brilho, cada uma dessas atividades), além de ser, como eu já disse, um grande amigo).

Como eu dizia, ele tem uma observação interessante sobre como os profissionais avaliam suas respectivas entidades: O advogado, diz ele, fala da OAB com o peito estufado e a cabeça erguida. Refere-se à ela como "**A ORDEM!**". Assim mesmo, com todas as letras maiúsculas, em negrito... e com ponto de exclamação! O engenheiro fala "esse crea", assim, como se estivesse dizendo um palavrão, cuspiendo um sapo... "essa coisa!".

A minha experiência de 20 anos de engenharia, muitos dos quais dedicados a convivência com os colegas, em Entidades de Classe, me ajudam a confirmar a opinião de Maia Neto. É isso mesmo!

A questão, porém, é: por que? Por que odiamos tanto o CREA? Por que o CREA é uma instituição com um índice de rejeição tão forte entre seus próprios integrantes? Por que a convivência do CREA com engenheiros, arquitetos, agrônomos e demais profissionais a ele ligados é tão desencontrada (pra não dizer tumultuada e mal resolvida)?

A resposta, se me permitem uma tentativa, está em uma única palavra: COMUNICAÇÃO.

O certo, talvez, seria dizer "a falta de comunicação". Ou, se preferirmos, uma comunicação mal feita ou equivocada.

Eu conheço bem os CREAs. Conheço todos os CREAs, do Brasil inteiro. E posso garantir que nenhum deles faz justiça aos defeitos que lhes são atribuídos. As pessoas que "tocam" a instituição (os Diretores, os Conselheiros, os Inspetores, os Fiscais e demais Funcionários) são, salvo raríssimas exceções, razoavelmente competentes e muito bem intencionados.

Mas a maneira como os CREAs se comunicam com os profissionais é de uma indigência que dá pena. Os veículos de comunicação dos CREAs (jornais, revistas, site na internet, newsletters...) são "chapa-branca" demais. E eu nem culpo os jornalistas responsáveis por isto. Eles cumprem diretrizes que vêm "de cima" e estão, em última análise, defendendo o pão e o leite das crianças.

Ocorre que, lá em cima, tem um profissional cuja formação é extremamente cartesiana. Linear demais. Exata ao extremo. Tudo tem que ser preciso, pontual e, acima de tudo, indiscutível. Os engenheiros querem transformar um jornal ou uma revista e uma ata ou um documento legal. Não é assim que deve ser.

Quando eu digo que os canais de comunicação dos CREAs são "chapa-branca" me refiro ao direcionamento editorial (que, via de regra, é ideológico e partidário). Falta o "espaço da contradição". Um artigo criticando o CREA ou seu presidente nunca é publicado. Uma matéria que contrarie os interesses da bancada dominante não vai ao ar. Uma nova idéia só ganha espaço na comunicação do sistema depois que já é "fato consumado". Nunca enquanto é ainda alguma coisa passível de discussão.

Enquanto isso, à boca pequena, nos subterrâneos, nas conversas do dia-a-dia, no boca-a-boca, enfim, crescem e se cristalizam as teses que o sistema não quer discutir abertamente. Os antropólogos sabem muito bem: sem um "espaço de contradição" nenhum sistema tem legitimidade. Sem a discussão dos opostos não há credibilidade na informação.

Os profissionais de publicidade e de jornalismo sabem bem que a atenção e o interesse somente são obtidos com a disputa aberta de questões cruciais.

Os CREAs precisam eleger a comunicação como uma ferramenta essencial para as suas estratégias de desenvolvimento e valorização profissional. Mas não essa comunicação que está aí. É preciso uma comunicação mais dinâmica, aberta, online, descomprometida e livre.

Talvez seja o caso de dar um pouco de asas aos jornalistas. Acho que, com um pouco mais de liberdade eles saberão o que fazer. E todos nós só temos a ganhar.

POR QUE ODIAMOS TANTO O CREA (2)

Aqui na minha cidade, na semana passada, um acontecimento prosaico nos dá uma explicação do porquê os advogados têm tanto respeito e admiração pela OAB (ou, como foi dito no artigo anterior: "A ORDEM!")

Está nos jornais: Fulana de Tal, 20 anos, durante uma blitz de trânsito, foi abordada de forma truculenta por uma policial militar. Durante o "qüiproquó" que se seguiu, uma advogada foi acionada para defender a moça. Ao se apresentar para a "otoridade" policial, recebeu uma resposta mal educada: "Grande coisa que tu és advogada!"

Foi o que bastou para que a advogada (além, naturalmente, de todas as ações cabíveis para o caso) acionasse "A ORDEM" para um pedido de desagravo "pelo desrespeito à dignidade profissional do advogado frente aos policiais envolvidos no caso".

Casos assim acontecem diariamente pelo Brasil à fora. No interior de São Paulo, vimos pela TV, recentemente: uma advogada foi impedida de conversar com o seu cliente, pelo chefe de um presídio de segurança máxima. No dia seguinte, lá estava ela, acompanhada do presidente "DA ORDEM" para outro desagravo pela "agressão" à dignidade do profissional. A "Ordem" não quis saber se o cliente era um bandido execrado por toda a sociedade ou se o advogado era um figurão ou uma figurinha... Era simplesmente um "colega" que precisava de apoio.

Se um engenheiro for agredido (verbalmente, que seja) por um cliente ou preposto, o que acontece? Vai reclamar para quem? Para o Bispo? Assim não dá pra trabalhar!

Um grande número de e-mails recebidos (à propósito do primeiro artigo) bate nesta tecla: se um advogado tem um problema a OAB vem em sua defesa, com todas as possibilidades jurídicas ou de apoio moral. Quando um engenheiro busca o apoio do CREA com um problema qualquer, recebe logo a sentença de que "a função do Conselho não é defender o profissional e sim a profissão."

Esquece o ser humano (o profissional) para se ater a este ser inanimado (a profissão).

Resta-nos recorrer às entidades de classe e aos sindicatos... Mas não é a mesma coisa. Todo mundo sabe!

No nosso sistema profissional (CONFEA/CREA/Entidades de Classe/Sindicatos) o CREA é o único que tem um suporte financeiro, poderes legais e abrangência geográfica para assumir essa função. É o "primo rico" do sistema.

Peraí, Padilha! É a lei! A lei diz que o CREA existe para defender a sociedade e o

exercício da profissão.
Ok, ok, eu sei da lei, masssss... essa lei não pode ser modificada? Está acima de tudo e de todos, nos condenando a esse resultado catastrófico?

Nessa hora, faço minhas as palavras do brilhante engenheiro Egydio Herve Neto, de São Paulo, que, em uma nota publicada na Comunidade TQS (um grupo de discussão na Internet) escreveu: "Se os profissionais reclamam com razão, a tal Lei - que está acima da razão - precisa ser mudada ou removida por errada e obsoleta. E, infelizmente, os que estão à frente de qualquer entidade, desculpem, não podem usar como pretexto a expressão 'eu sei que você tem razão mas... a Lei (!?) tal, etc...'. Se esta tal Lei está acima de Confea e Creas fica difícil até participar pois o profissional entra no jogo quando o time já está perdendo, reclama com razão, e o juiz, baseado em Leis erradas, favorece o time contrário, se é que o exemplo ajuda."

Enquanto isso (enquanto "a lei" não for removida ou alterada) ainda nos resta ações alternativas. Alguns CREAs já estão fazendo isso: desenvolver ações de defesa e valorização dos profissionais, e não apenas da profissão. Afinal, a lei diz que o CREA deve defender a sociedade e a profissão. Mas não diz que o CREA não pode defender também o profissional. Devemos fazer tudo o que a lei determina. E podemos fazer tudo o que a lei não proíbe.

POR QUE ODIAMOS TANTO O CREA (3)

OK, está certo. Está tudo bem. Mas... já que vão meter a mão no meu bolso, não poderiam, pelo menos, ser mais delicados? Não poderiam ser menos abusados. Não poderiam ter um tiquinho de sensibilidade e procurar fazer com que eu me sentisse importante e útil (em vez de ser apenas "o otário que paga a conta")?

Calma, amigo leitor, eu já me explico. Se o caro colega, assim como eu, faz parte do "sistema" CONFEA/CREA, deve ter recebido uma carta por esses dias. Uma carta acompanhada de um boleto bancário, referente à anuidade de 2004.

A tal carta que eu recebi tem nove parágrafos. Nos dois primeiros o autor se esforça para que o texto não tenha nenhum sentido e não resulte em nenhum compromisso relevante. Nos parágrafos seguintes seguem informações sobre a anuidade (o que inclui o número da resolução do CONFEA que determinou o seu valor) e instruções sobre como efetuar o pagamento.

No penúltimo parágrafo me informam que, pagando a anuidade eu terei direito a uma Certidão de Registro absolutamente "de grátis" (dei pulos de alegria!). E estamos conversados. Passar bem.

Tudo bem, não me oponho de pagar essa anuidade, como aliás, tenho feito há quase vinte anos. Me orgulho de ser engenheiro, sou simpático ao CREA e não faço parte de uma imensa legião de colegas profissionais que acham simplesmente que o CREA é inútil e, como tal, não deveria existir. Pelo contrário, vejo com bons olhos a existência do CREA e atribuo a ele um bom conjunto de virtudes. Já escrevi muita coisa em defesa do CONFEA/CREA (o que

me custou, obviamente, algumas doloridas pedradas de muita gente).

Quanto ao valor da anuidade, considero até razoável (sabemos que é uma das menores taxas de anuidade entre os Conselhos Profissionais). E, como eu digo sempre, acredito na boa fé e nas boas intenções dos dirigentes quanto aos destinos que darão a esse dinheiro.

Mas a maneira torta como é feito o marketing do sistema me dá nos nervos!

Um pouquinho de sensibilidade e percepção das circunstâncias não faria mal nenhum. É preciso perceber que a cobrança da anuidade (muito mais do que a cobrança das taxas de ART) é, todos os anos, um momento crítico nas relações do CREA com seus clientes (Sim, senhor. Podemos considerar os profissionais como os clientes do sistema, uma vez que são eles que pagam a conta, ainda que não tenham a liberdade de escolher o fornecedor).

Esse momento precisa ser capitalizado de forma mais inteligente. É preciso dar aos clientes uma sensação de inclusão e utilidade. É preciso fazê-los sentirem-se importantes.

Em vez de mandar uma carta seca, apenas com as instruções de como pagar a conta, que tal anexar uma detalhada prestação de contas do exercício anterior (contando o que foi feito com a anuidade que foi paga no ano passado)?

Que tal uma relação dos eventos realizados? O número de profissionais envolvidos em atividades promovidas ou patrocinadas pelo CREA? Os convênios em andamento? As relações com outras instituições? As publicações? As viagens nacionais e internacionais? Os prêmios conquistados e concedidos?

Todos os CREA têm, no final de cada ano, muitas realizações para mostrar aos seus profissionais. Por que não fazem isso? Será que não têm noção dos efeitos positivos que esse tipo de atitude provocaria?

Então ficamos combinados: em janeiro do ano que vem, quando eu receber o boleto bancário para pagar a anuidade 2005, espero receber uma detalhada prestação de contas de 2004, contando o destino que foi dado ao meu rico dinheirinho. Para que eu possa me sentir útil e valorizado. E possa me orgulhar cada vez mais de fazer parte de um Conselho Profissional da mais alta qualidade.

POR QUE ODIAMOS TANTO O CREA (4)

O Artigo do Senhor Ronaldo Cardozo Sena, técnico em eletrônica, publicado no site do CREA-MG no dia 6 de abril defende a tese de que o CREA não deveria existir. Segundo ele, se "a pessoa estuda, recebe habilitação das autoridades competentes para exercer a função, passa a ter responsabilidades, direitos e deveres perante a lei. Todo e qualquer assunto relativo ao exercício desta função deveria ser abordado, questionado, avaliado e determinado pela lei."

Antes que se faça aqui a defesa da tese contrária, é importante que se diga que o

senhor Ronaldo não está sozinho com suas idéias.

Muitos profissionais de Engenharia, Arquitetura ou Agronomia compartilham esse sentimento de que os CREAs (e com eles o CONFEA e todos os demais elementos que compõem o sistema profissional) não têm motivos para existir. Não fazem sentido e que, portanto, são inúteis e indesejáveis.

O senhor Ronaldo usa como exemplo a Carteira de Habilitação para motoristas e o absurdo que seria a criação de um CRMH-MG (Conselho Regional de Motoristas Habilitados em Minas Gerais). De fato, senhor Ronaldo, seria um absurdo. Pois um motorista se "forma" em um curso de 30 horas e que exige como pré-requisito ao aluno apenas não ser analfabeto. (Ainda assim, não custa lembrar que os DETRANS e DENATRANS da vida nada mais são do que institutos reguladores e fiscalizadores do exercício da condição de Motorista Habilitado).

Assim como a condição de motorista, muitas outras profissões são "conquistadas" de forma simples e fácil. E no caso da maioria delas, seu exercício não coloca em risco vidas e patrimônios.

No caso das profissões regulamentadas (como a Medicina, Odontologia, a Advocacia, a Engenharia, a Arquitetura e a Agronomia), os tais Conselhos Regionais e Federais garantem que a sociedade não vai ser exposta a profissionais irregulares e garante que os profissionais (que fizeram um sólido investimento nas suas formações) não serão expostos à concorrência desleal de pessoas mal formadas ou até mesmo inescrupulosas.

Eu, por exemplo, que investi 17 anos da minha vida em escolas, até receber o título de engenheiro, acho muito justo que a profissão que me custou tanto investimento só possa ser exercida por outras pessoas que tenham feito o mesmo investimento que eu fiz. Nesse sentido, eu penso que o valor pago pela anuidade do CREA nada mais é do que um custo de manutenção para um patrimônio que eu conquistei com muito sacrifício em um curso que durou 3800 horas (mais que 100 vezes o tempo para fazer a carteira de motorista) e exigiu como pré-requisito o segundo grau completo e uma prova de vestibular com altíssimo grau de dificuldade.

E porque, então, engenheiros, arquitetos e agrônomos não podem ter suas profissões regulamentadas e fiscalizadas pela lei comum (essa parece ser a tese do senhor Ronaldo).

Sinceramente, a resposta me parece óbvia: qualquer um que seja alfabetizado e saiba dirigir pode julgar se uma pessoa está dirigindo bem ou não. O exercício de profissões complexas e que exigem tantos anos para a formação de um profissional não pode ser fiscalizado e regulamentado por "cidadãos comuns". Seria um desastre (do ponto de vista da justiça)

Graças a Deus o bom senso prevaleceu e a legislação concedeu a médicos, dentistas, advogados, engenheiros, arquitetos, agrônomos e outros profissionais dessa importância, o privilégio de regulamentar e fiscalizar o exercício de suas próprias atividades.

Afinal, eu acho que nem o senhor Ronaldo vai querer morar em um edifício projetado por um motorista de táxi.

ÊNIO PADILHA

www.eniopadilha.com.br | professor@eniopadilha.com.br

<http://www.eniopadilha.com.br/artigo/31/por-que-odiamos-tanto-o-crea>